



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALINNE BARBOSA CABRAL

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DE PRÁTICAS DE
ALFABETIZAÇÃO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

ALINNE BARBOSA CABRAL

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DE PRÁTICAS DE
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

C177c Cabral, Alinne Barbosa.
Concepções de professores acerca de práticas de alfabetização [manuscrito] : / Alinne Barbosa Cabral. - 2017
41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Prática docente.

21. ed. CDD 370.113

ALINNE BARBOSA CABRAL

**CONCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DE PRÁTICAS DE
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 23/10/2017.

BANCA EXAMINADORA

Maria do Socorro Moura Montenegro

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Rosário Gomes Germano Maciel

Prof.^a Me. Maria do Rosário Gomes Germano Maciel
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha

Prof.^a Dr. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Primeiramente, por ter me dado força, foco e fé todas as vezes que Lhe pedi.

À professora Socorro Moura Montenegro,

Por ter aceitado a orientação, fazendo-me crer que eu tinha capacidade de concluir a travessia, iniciada pelas leituras necessárias ao longo dessa orientação, e por sua dedicação a esse trabalho.

Ao meu esposo Mário e a minha filha Maria Alice,

Por ter me dado coragem para lutar cada dia e alcançar novos objetivos.

Aos meus pais Pedro Cabral e Marli Barbosa Cabral,

Por sempre estar me motivando para eu não desistir da caminhada.

A todos os professores,

Que passaram por mim no decorrer do curso e, de certa forma, contribuiu para eu chegar até esse momento de grande importância em minha vida acadêmica.

Aos colegas e amigas de classe,

Pelos momentos de amizade e apoio. E em especial a minha amiga irmã Maria Elayne Ribeiro que durante os quatro anos esteve sempre presente comigo me dando força nos momentos que precisei na angústia ou na alegria, esteve todas as manhãs letivas, seja na academia, no trabalho sempre me orientando. Que a sua vida seja abençoada grandemente. Da UEPB para a vida.

“Um dos maiores medos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar”.

(EMÍLIA FERREIRO)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 MODELOS TEÓRICOS DE ALFABETIZAÇÃO	11
2.1 Concepções teóricas sobre a psicogênese da língua escrita e sobre o letramento	16
2.2 Pesquisa de materiais para a prática de alfabetização	19
3 ANÁLISE DA PRÁTICA ALFABETIZADORA DE PROFESSORAS PESQUISADAS.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXO	41

ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES

Alinne Barbosa Cabral*

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo geral conhecer a prática alfabetizadora de professoras do 1º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal da cidade de Queimadas/PB. Considerando o presente objetivo, o trabalho está estruturado em três partes: a primeira trata de uma breve reflexão acerca dos modelos teóricos de alfabetização, da psicogênese e do letramento da língua escrita; na segunda evidencia a importância de um ambiente alfabetizador para a prática de alfabetização e a terceira trata da análise descritiva da prática alfabetizadora de professoras. Para isso, baseia-se na abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico e como técnica de coleta dos dados utiliza-se entrevista semiestruturada. A fundamentação do trabalho vale-se das contribuições teóricas de Soares (2002, 2004), Franchi, (2012), Franchi (2012), Freire (2002), Garcia (2015), bem como de alguns documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) e o Pró-letramento alfabetização e linguagem (2007). Viu-se que a alfabetização, segundo Soares (2004, p.97) é “entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais”. Por último, vimos que as professoras distorcem suas práticas apesar de todo o conhecimento existente na atualidade a respeito dos termos *alfabetização* e *letramento*, as professoras entrevistadas não associam suas práticas a esse conhecimento, não fundamentam em teorias que levem ao letramento. Essas educadoras utilizam de práticas tradicionais de leitura e escrita, levando em consideração que a alfabetização para essas docentes é um processo contínuo, ocorrendo de acordo com cada criança. Assim sendo, elas escolhem o que há de positivo na abordagem tradicional. O letramento para essas ocorre de maneira muito sutil, e que quando começam as aulas interrogando, questionando os alunos sobre determinado assunto, para elas, já é um bom começo.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Prática Docente. Concepção

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentarei resultados de uma pesquisa de cunho qualitativo, descritiva e analítica, com base no objetivo geral desse estudo, o qual se propôs investigar como duas professoras estão alfabetizando crianças na perspectiva do letramento, em duas escolas da rede municipal da cidade de Queimadas – PB. A princípio, é preciso entender o porquê dos termos *alfabetização* e *letramento*. Por qual motivo surgiram? Quando e onde?

* Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: alinnebarbosa2012@hotmail.com

Nesse sentido, entendemos que a:

[...] alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004, p. 97).

Nessa perspectiva, a alfabetização, apesar de se distinguir do letramento, acaba sendo interdependentes e inseparáveis. Sendo assim, o ideal é que os professores busquem alfabetizar letrando, só assim poderá contribuir para o avanço significativo dos alunos em fase de alfabetização. Sabendo que, nossa concepção de alfabetização compreende que, a alfabetização não se dá, apenas, em um momento estanque, mas durante toda a fase dos anos iniciais do ensino fundamental.

Vale enfatizar que, mesmo compreendendo que a alfabetização, em sentido amplo, não se refere apenas, ao sentido restrito da decodificação do código escrito, precisamos entender que todo sujeito, ao se alfabetizar, perpassa pela decodificação, o que não pode é, se centrar, apenas, nesta. Além disso, compreendemos que a compreensão e o domínio do código organizam-se em torno das relações entre pauta sonora da fala e as letras usadas para representá-la, a pauta na escrita (VAL, 2006). Para Soares (1998, p.31), alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever e alfabetização é a ação de alfabetizar. No entanto, atualmente, a ação de alfabetizar, em sentido restrito, já não é suficiente para atender a demanda de uma sociedade letrada e repleta de símbolos e códigos.

Com isso, alfabetizar, no contexto histórico e cultural atual, tornou-se uma ação extremamente complexa para as práticas cotidianas, tendo em vista que alfabetizar é, sobretudo, “tornar o indivíduo capaz de ler e escrever” (SOARES, 1998, p.31). E, sendo assim, com uma necessidade extrema de vivenciar as práticas da realidade externa surge o termo *letramento*. Algo novo, que aos poucos invade as metodologias de professores inovadores e pesquisadores preocupados em oferecer significância à aprendizagem de seus

alunos. Pois letramento é quando envolvemos as mais variadas práticas de leitura e escrita, e fazemos uso em nosso cotidiano social.

[...] Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural e não se trata, propriamente, de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura- sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna- se diferente. (SOARES, 2004, p. 37).

As práticas de alfabetizar letrando oferecem mais significado e relevância à aprendizagem dos educandos, pois estão diretamente posicionadas na realidade social de cada um de nós. Todavia, é de grande importância mencionar e entender o fato de que alfabetização e letramento não são processos distintos, ambos se relacionam e são indispensáveis na aquisição do sistema de leitura e escrita.

É importante ter em um ambiente alfabetizador na perspectiva de letramento como, por exemplo, materiais escritos de vários gêneros, de modo que esses façam sentido para as crianças como: identificação das salas de aula, escritórios, banheiros e salas de recreação, armários e cabides (identificações estas, geralmente, colocadas a uma altura inacessível aos olhos das crianças), cartazes, panfletos informativos sobre algo da comunidade dos alunos, mapas, horários, listas telefônicas, alfabeto na parede com diversos formatos de letras e vários outros. Esses materiais ajudam as crianças a perceberem o mundo diferente, pois oferecem oportunidades únicas de leitura e escrita jamais vistas, porque ninguém aprende a usar uma lista telefônica de repente e sem nenhum horizonte, mas sim por haver um significado objetivo de aprender essa habilidade.

Sem contar que muitos desses materiais podem ser produzidos pelas próprias crianças. Além de decorar a sala de aula, muitos materiais tornarão rica a aprendizagem de crianças em processo de alfabetização como: o alfabeto móvel, as listas de palavras com os dias da semana, os meses do ano, os nomes dos alunos da turma, os aniversariantes e muito mais. Todos esses materiais ajudam a criança a desenvolver melhor a leitura numa perspectiva da realidade de cada um, pois todo aluno gosta de reconhecer seu nome, o mês de seu aniversário, em qual dia da semana está e assim por diante. Cabe ao professor ser um investigador e inovador na relevância de tornar a aprendizagem de seus educandos mais harmoniosa e, acima de tudo, prazerosa.

As crianças precisam encontrar sentido na leitura; portanto, os professores devem garantir que a leitura – e a sua aprendizagem – faça sentido. A sala de aula deve ser o lugar

onde ocorrem as atividades de leitura e escrita significativas e úteis, onde é possível a participação sem coerção e onde haja disponibilidade de colaboração. Nenhuma criança deve ser excluída (SMITH, 1999).

A criação de um ambiente alfabetizador se torna necessário para compreender o sistema de escrita, por isso as crianças que vivenciam práticas de leitura e escrita têm muito mais facilidade de aprender do que a criança que tem poucas oportunidades de presenciar essas práticas. Além de deixar a sala de aula mais organizada, bonita e agradável é muito relevante que a escola ofereça aos alunos práticas de participações sociais e com isso deve ter, em locais visíveis e acessíveis, diferentes materiais, como livros, revistas, jornais, cartazes, listas de nomes e de aniversários, alfabeto quadro numérico, calendário, relógios, e entre outros. Quanto mais disponibilidade e proximidade os alunos estiverem desses materiais, mais significativa e fácil ficará a aprendizagem sem contar no interesse dos alunos em consultá-los.

Estamos falando de sala de aula com turmas do Ensino Fundamental I, crianças no período da apropriação do sistema de escrita, no sentido de oferecer oportunidades aos alunos de participarem de situações em que a escrita e a leitura são necessárias como: preparar o convite da reunião de pais, escrever uma carta para um colega, escrever um recado para a professora ou os pais, fazer a contagem de dias para chegar ao aniversário de um colega. Enfim, o material exposto em sala não serve apenas para mera decoração, mas sim para apoio e consulta, desafiando e estimulando a curiosidade dos alunos.

Vale salientar que, se o professor não for um mediador no processo ensino-aprendizagem, nada adianta a exposição de materiais escritos, pois a aprendizagem só se torna prazerosa e com sentido se ambos (educador e aluno) doarem-se ao processo, ambos devem estar imbuídos do mesmo objetivo: o de tornar a aprendizagem eficiente, podendo juntos praticar essa aprendizagem em nosso meio social. Isso considero alfabetizar letrando, porque é o docente quem ajuda ou quem deveria ajudar seus alunos a encontrarem respostas para suas próprias dúvidas, assim como não só a pensarem sobre a leitura e a escrita, mas, sobretudo, a praticarem-nas.

Nos dias atuais, acredito que existem muito mais recursos para o professor, já que existem inúmeras interações do aluno com a leitura e a escrita, em experimentações mediadas; e, nesse sentido, a tecnologia nos auxilia cada vez mais. Atualmente, podemos trabalhar com diversos materiais como: o trabalho com o alfabeto móvel, uso do dicionário, livros da literatura infantil, podemos confeccionar um caderno de leitura com historinhas da própria realidade dos educandos, sua biografia, leitura de imagens, roda de conversa. A simples troca de ideias entre os alunos ajuda a desenvolver a compreensão sobre o funcionamento da

escrita. Juntos, avançam cada vez mais em suas hipóteses e reorganizam seus conhecimentos. O alfabeto é um material de apoio muito importante nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Conhecer o nome das letras é essencial no processo de alfabetização. Não devemos repetir a memorização, como se fazia na época dos métodos sintéticos e analíticos, com a teoria Behaviorista de Skinner. O aluno, nesse contexto histórico e cultural, nem sabia a razão de aprender o nome das letras, por conseguinte, observo com muita frequência que os alunos apenas memorizam a sequência das letras sem se importar com o próprio nome.

É como se nós perguntássemos a um aluno de 1º ou 2º ano as letras do alfabeto e ele nos dissesse na ordem, e quando perguntássemos o alfabeto por letras variadas o mesmo aluno não saberia sobre qual letra estávamos nos referindo. Essa aprendizagem é duvidosa, quando não se aprende significativamente, de modo que a decoreba, a memorização, coloca em risco a apropriação da aprendizagem da leitura e da escrita.

Dito de outro modo, para que realmente o alfabeto auxilie na compreensão do funcionamento da escrita, é preciso que os alunos não só memorizem a ordem das letras, mas também busquem apropriar-se do sistema de escrita, a partir das atividades de reflexão sobre a escrita presente no seu cotidiano. Atividades essas como: ditado com o mesmo campo semântico, letras móveis para fazer nomes utilizados em seu cotidiano, escrita do próprio nome do e dos nomes dos colegas, entre outras.

Os alunos devem recorrer ao alfabeto sempre que quiserem encontrar uma letra que estão em dúvida ou quando não saibam grafar. Por isso, o alfabeto deve estar sempre exposto na sala de aula, em local visível, para ser sempre consultado e sempre que necessário, estimulando os alunos a resolverem suas dúvidas de forma independente e com autonomia. É bom também que o aluno tenha uma cópia do alfabeto colada no caderno ou na pasta facilitando, ainda mais, a compreensão dos nomes das letras.

Na minha prática, escolhi ser professora pelo fato de ser uma das profissões mais sublimes e admiráveis, principalmente porque na sala de aula não existe, ou não deve existir aquela coisa monótona, parada demais. Acredito que, com comprometimento, pode-se tentar fazer algo diferente, conhecer e aprender coisas novas. Tendo consciência de que o interessante é fazer acontecer coisas novas e diferentes em sala de aula.

Podemos trabalhar diversas situações como: roda de leitura, leitura de livro, atividade em grupo, recreação, análise de filme; enfim, há várias possibilidades de se trabalhar com a alfabetização para que o indivíduo se torne ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. Acredito que hoje a educação não se limita apenas a decodificar palavras soltas e textos sem sentido, já que não há uma aprendizagem prazerosa com esse tipo de metodologia.

Percebemos que as crianças de hoje não se contentam mais em apenas decorar palavras e letras de um mesmo campo semântico, elas estão muito além dos livros de alfabetização e palavras decoradas. Elas já vêm para a escola com conhecimentos adquiridos na família, na igreja e até mesmo, os conhecimentos que adquirem em desenhos, filmes e etc. E, esse conhecimento denominado de “conhecimento prévio” é o que deve ser levado em consideração em sala de aula pelos professores, em geral. Se a escola não compreendeu que precisa explorar em suas aulas o conhecimento prévio dos alunos, passo a me perguntar: E o que iremos fazer em sala de aula para conseguir alfabetizar?

É com base nessa reflexão que podemos entender que todo e qualquer conhecimento que queremos por em prática em sala de aula, perpassa, necessariamente, pelos conhecimentos prévios de nossos alunos, em qualquer nível de aprendizagem, isto quer dizer que perpassa pela Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação. Assim, a aprendizagem se torna mais significativa, quando o ensino não deve estar preocupado, apenas com o resultado, mas, sobretudo, com o processo pelo qual o aluno passa para se apropriar de seus conhecimentos, ligados ou não, a leitura e a escrita.

A partir disso, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira parte trata dos modelos teóricos de alfabetização, particularmente da psicogênese da língua escrita e do letramento, na segunda destaca a importância do ambiente alfabetizador para a prática de alfabetização e a terceira parte trata da análise da prática alfabetizadora de duas professoras pesquisadas.

2 MODELOS TEÓRICOS DE ALFABETIZAÇÃO

A educação como todo processo natural muda com o passar do tempo, assim como a leitura e a escrita. Por quê? Porque hoje, segundo Chartier (2009, p. 7), “Apresentam-nos o texto eletrônico como uma revolução. A história do livro já viu outras!” Desse modo, atualmente nas ruas, nas televisões e em todo lugar encontramos textos escritos presentes em outdoors, anúncios, propagandas, enfim, algo que não se via muito há duas décadas, com isso precisamos e devemos também incluir esses textos.

E, se partirmos para os estudos sobre alfabetização, perceberemos que, de uma forma ou de outra, as pesquisas de Emília Ferreira e Ana Teberosky, no início da década de 1980, introduziram novas compreensões acerca do processo de alfabetização. De acordo com essas autoras, as crianças vivenciam um processo de construção de concepções de escrita e de

leitura a partir do contato com o mundo da escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008). Demonstrando que a escrita alfabética não é um código, o qual se aprende por meio das atividades de repetição e memorização. Com base em suas pesquisas, essas autoras perceberam que no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, os alunos precisam entender como esse sistema funciona. Para isso, é fundamental que as crianças compreendam o que a escrita representa e como a escrita cria essas representações.

Para compreender como funciona esse sistema, as autoras demonstram que os aprendizes passam por quatro períodos, nos quais existem diferentes hipóteses ou explicações, são eles: pré-silábico, silábico, silábico- alfabético e alfabético. Esses períodos são de extrema importância para a prática do professor alfabetizador, pois a partir delas o educador poderá orientar-se para ter a capacidade de auxiliar seu aluno a progredir na sua leitura e na sua escrita.

Como? A partir do momento em que o próprio professor apropria-se da significativa contribuição da descoberta da psicogênese da língua escrita. Desse modo, podemos compreender tanto o nível de cada aluno acerca de sua aprendizagem da língua escrita, como cada vez mais facilitar a prática, no sentido de direcionar o trabalho pedagógico do professor, no concernente a sua ação alfabetizadora.

Lembro-me dos meus dias de escola quando fazia a alfabetização. Abro parênteses para fazer uma breve reflexão e uma angústia que me bate ao ver como era diferente a escola de antigamente. Primeiramente, todos os dias éramos sentados de um jeito só; em fila; não tinha televisão, não tinha roda de conversa mediada por professor, e muito menos leitura, nada de filmes, acervo de leitura, nada disso, só aula expositiva, tarefa no caderno, leitura de algumas palavras soltas na cartilha.

Percebo que ainda há muito para fazer, embora já note pequenas e sutis diferenças na aprendizagem de nossas crianças, as quais consideram de suma importância. Bem, para termos uma noção, há vinte anos o nosso alfabeto era composto por apenas 23 letras e nem sequer sabíamos usar ou falar as letras K, W e Y. Em uma experiência que tive na sala de aula com jovens e adultos, certa vez dois adultos relatavam que não sabiam que existiam essas letras, sobretudo, quando em suas vozes, após ter colocado o alfabeto no quadro, pronunciaram frases do tipo: “Não sei pra quê essas letras”, “É tão difícil de falar elas”, “É como mesmo?”. O importante é que, mesmo que os alunos não precisem saber, é necessário o professor saber que:

[...] A linguagem trabalhada no âmbito da alfabetização e letramento, antes de ser usada somente para a comunicação, é parte importante da elaboração do conhecimento; antes de ser mensagem, contribui para a construção do pensamento do aluno; e antes de ser veículo de seus sentimentos, ideias, emoções, aspirações, a linguagem foi um processo criado para as crianças e as pessoas organizar e informar suas experiências. (FRANCHI, 2012, p. 9).

Portanto, a linguagem é vida, vida esta que se apresenta das mais variadas formas; falada, escrita e expressada por meio de símbolos para os seres humanos poderem comunicar-se entre si. E em se tratando especificamente da história da alfabetização, relativo ao ensino das primeiras letras, muitos professores sempre e até hoje buscam encontrar o “melhor” ou, talvez, o mais adequado método para alfabetizar, para seus alunos aprenderem a “melhor” maneira de ler e escrever.

Para isso, vários métodos foram criados para minimizar a problemática da alfabetização, muito presente na angústia de alguns professores, para ajudar os alunos a ler e escrever de uma maneira menos complicada e sem muito esforço. No entanto, é preciso ter em mente que não é possível alfabetizar sem método. Para Magalhães (2005), conhecer a história dos métodos de alfabetização pode levar o professor a identificar permanências e princípios norteadores que vão ajudá-lo a alfabetizar, levando em conta a situação específica da sala de aula, os conteúdos a ensinar, os processos cognitivos dos alunos e suas dificuldades e facilidades em adquirir certas habilidades.

É importante que os professores conheçam bem os métodos para auxiliar os próprios alunos em sua trajetória e vê a qual melhor método a criança adequa-se para aprender. Pois todo ser humano possui sua singularidade e a criança, como ser humano, também não está fora disso. Assim como também ter em conta que, com determinadas crianças, é necessário trabalhar mais com determinadas estratégias do que outras.

Existe, de fato, criança que tem mais facilidade de aprender com uma determinada estratégia metodológica; umas aprendem mais rápido que outra e por isso as abordagens metodológicas não devem ser usadas igualmente para todos os conteúdos, em todas as turmas e dentro da mesma turma e principalmente para todos os alunos. Portanto, torna-se necessário o conhecimento dos diferentes métodos para o professor estabelecer relação com a sua prática docente.

Os primeiros métodos estavam presentes nas cartilhas brasileiras e eram conhecidos, ora como o método sintético, pois partiam de unidades menores da língua para partes maiores. Se a unidade escolhida como ponto de partida é a letra, trata-se do método alfabético ou de soletração em que primeiro se ensinam os nomes e as formas das letras, na sequência

alfabética e também salteada, para depois trabalhar com as sílabas e, em seguida, com as palavras, frases, para finalmente, chegar a textos inteiros.

De acordo com Magalhães (2005), se o início da aprendizagem começa pelas sílabas, o método é o silábico, onde são apresentadas as sílabas em diferentes estruturas, em geral, associadas a uma palavra ilustrada. Tantas críticas se deu ao método silábico, e ainda hoje o método permanece nas cartilhas, justamente pelo fato de começar a alfabetizar pelas unidades menores, como se a mente das crianças só se limitasse a apenas algumas palavras como, por exemplo, se fosse estudar a sílaba da letra B; Ba- Be- Bi- Bo- Bu e uma lista de palavras começadas com a letra B, ou um pequeno texto como: Bia é a babá do bebê / A babá dá papa ao bebê. Não tem nenhum significado da realidade dos educandos nessa aula, a não ser a mera apresentação da letra e B e apenas a memorização dela.

Métodos como esse visam apenas oferecer passos sistemáticos e práticos a atender as crianças como aquelas que não contam ainda com nenhuma vivência escolar. E não só o fato de ter, nessas cartilhas, textos forjados, chamados de “pseudotextos”, para alfabetizar, mas sim o fato de estarem presentes diversos tipos de atividades mecânicas e repetitivas que possibilitavam ao aluno realizá-las, sem, necessariamente, ler e escrever. As atividades de escrita correspondiam, na realidade, à cópia de sílabas, palavras e frases. Uma das atividades mais comuns era a separação de sílabas que, muitas vezes, o autor da cartilha já estabelecia a quantidade de sílabas por palavra, facilitando a resposta do aluno e, por isso, muitas vezes, fazia sem ter lido as palavras.

Ao mesmo tempo, o artificialismo presente nos textos encontrados nas cartilhas impedia os aprendizes de conviverem com a linguagem própria dos gêneros escritos que circulam em nosso mundo. O ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é um processo de construção de novos conhecimentos e, além disso, envolve aspectos técnicos que exigem treinamento e métodos. Para aprender algo, necessitamos de prática e meios para chegar a tais objetivos; seja ler, escrever ou qualquer coisa. Agora, claro, métodos capazes de fazer o aluno refletir sobre sua própria maneira de aprender, colocando-se a necessidade cada vez maior de os educandos serem envolvidos em situações concretas de leitura e produção de textos.

[...] métodos envolve concepções próprias do exercício da linguagem e do exercício pedagógico, envolve pressupostos e princípios gerais de natureza filosófica e sociológica, envolve atitudes em relação ao processo e aos participantes dele [...] é criada, numa aprendizagem recíproca, pelos participantes do processo professor e alunos. (FRANCHI, 2012, p. 15).

Por isso é tão importante que os professores tenham em mente a clareza de que é preciso ter, sim, um método para uma adequada metodologia e, conseqüentemente, uma adequada aprendizagem, pois cada criança tem sua singularidade e cada um tem seu tempo de aprender. Mais uma vez nos dias de hoje, diferentemente da época em que estudei cada aluno tem seu tempo, modo de ver e pensar o mundo, por isso atualmente, trabalha-se de forma “meio multisseriada”, mesmo dentro de uma sala com uma única turma. Mas ao mesmo tempo é preciso ter bastante cuidado com os métodos, pois eles nos ajudam, e muito, para chegar ao objetivo alcançado.

Mas a diversidade de estratégias pode causar um espontaneísmo para a metodologia do professor e para a escola por não saber quais são realmente suas metodologias que contribuem para o avanço das crianças, conforme a pesquisadora Isabel Frade, a diversidade de estratégias – não uma mistura sem saber por que – atinge muito mais as crianças do que um caminho único (MAGALHÃES, 2005). O maior problema da discussão atual sobre uso ou não de métodos é o risco de cair no “espontaneísmo”, que não leva a escola a perceber quais são suas metodologias de sucesso.

“Essa negação só prejudica os professores, por que o trabalho não tem muita visibilidade e eles não conseguem ter uma linguagem comum para identificar princípios semelhantes que utilizam e que os ajudariam a clarear seu caminho metodológico garante” (FRADE *apud* MAGALHÃES, 2005, p. 02).

É imprescindível os professores terem clareza e objetivos para explorar suas iniciativas, levando em consideração a realidade social, pessoal e linguística dos alunos. Cada método e cada professor dispõem de uma formação específica de atuar em sua realidade, cabe ao educador ter em mente qual é o melhor método para sua sala de aula, pois também o docente não é um agente de memória com técnicas e dimensões metodológicas para depositar nas crianças princípios fundamentais que regem o aprendizado, como psicológico, linguístico e sociolinguísticos.

[...] O professor não precisa (nem tem tempo, nem pode) dominar todos esses campos do conhecimento; a pesquisa nessas múltiplas áreas não é viável enquanto o professor se ocupa de uma atividade didática com clientelas heterogêneas [...] deve atuar (o professor) em uma pesquisa que se coloque sob o referencial pedagógico: uma pesquisa que vise descrever e sistematizar a prática, de modo que seja possível que outros professores usufruam dessa descrição, ajustando seu trabalho aos conhecimentos teóricos, segundo as inúmeras variáveis pessoais e interpessoais em jogo na sala de aula. (FRANCHI, 2012, p. 14).

Segundo Franchi (2012), um princípio pedagógico elementar é que a prática defina-se sobre um conhecimento, o mais minucioso possível da realidade onde se insere. No caso particular do ensino/aprendizagem da norma escrita, além de uma avaliação da realidade socioeconômica, esse conhecimento envolve um exame cuidadoso da linguagem da criança. Pois cada criança já traz para a sala de aula sua bagagem de vida com suas vivências, realidades e falas.

[...] Assim, um alfabetizar letrando não se constitui num processo mecânico de mera correlação entre dois sistemas de representação, de fato, é preciso sempre considerá-lo nesse quadro em que a linguagem se concebe em seu caráter social. (FRANCHI, 2012, p. 21).

Por isso é tão importante atividades que envolvam práticas da realidade social em uma comunidade discursiva; o Brasil é um país pluricultural, quando me refiro a práticas sociais não estou pensando em dizer que o aluno pode chegar à sala de aula com costumes mal adquiridos, como é o caso de falar palavrões e dar uma aula sobre isso, não, não é bem assim. Práticas sociais presentes hoje nas escolas estão relacionadas às temáticas, de uma forma ou de outra, estão presentes nos textos com os quais os alunos entram em contato nos mais variados contextos sociais dos quais participam.

E, em sendo assim, o professor precisa preocupar-se com questões de como podemos fazer de nossos alunos leitores atuantes e pensantes em uma sociedade, cada vez mais cheia de ideologias, de valores, de teorias, etc. Portanto, segundo Belisário (2013), devemos, enquanto professores, transmitir para nossos alunos uma visão crítica acerca desta sociedade “letrada incumbida”; uso esse termo para referir-me ao cenário político, social e econômico no qual estamos vivendo hoje, onde o povo ou luta ou deveria lutar por seus direitos.

Mas lamentavelmente, estamos a assistir hoje direitos sendo retirados do povo e este povo sem esboçar qualquer tipo de reação, de luta para que possa assegurar, minimamente, os direitos adquiridos à custa de muitos sacrifícios e de muita luta na nossa sociedade, no nosso país. Para isso, precisamos começar, desde a alfabetização, um trabalho de conscientização, a partir da leitura e da escrita.

2.1 Breve reflexão sobre a psicogênese da língua escrita e sobre o letramento

É importante atentar para o fato de que Emília Ferreira avançou nos seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita para, do seu lugar de psicóloga, buscar compreender como a

criança aprende. Com isso, seus estudos nos mostram, segundo Cagliari (1989, p. 220), que: “Ninguém nega que Emília Ferreiro trouxe uma grande contribuição [...] para que a alfabetização melhorasse a sua prática”. No entanto, ela não era uma pedagoga para pensar o ensino, considerando que, mesmo que fosse, partimos do princípio de que “não existem receitas prontas e acabadas” para se ensinar, cabe ao professor, comprometido, esforçar-se para que o seu aluno aprenda. Respeitando, assim, a singularidade de cada um, o ritmo de aprendizagem e a capacidade intelectual de compreensão de seus alunos.

Pensando em (re) ver, (re) pensar a sua prática pedagógica, de modo que possa aproveitar os conhecimentos prévios de seus alunos, no sentido de aproveitar o contato com a escrita da criança. Considerando que a escrita, com o advento da tecnologia, tomou novos rumos.

Nessa perspectiva, compreendemos também que esse modelo da psicogênese da língua escrita pressupõe que as crianças já compreendem as letras e as palavras escritas como os adultos já alfabetizados. Ao compreender que o sistema de representação nada mais é que, quando a escrita desenvolve-se como um simbolismo sonoro da fala, a relação entre grafias e som torna-se mais relevante. Escrever é apresentar diversos níveis de escrita que, por sua vez, indicam as hipóteses infantis sobre as duas questões centrais da alfabetização: o que a escrita representa e como ocorre esta representação da fala pela escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008).

Nesse modelo, para Ferreiro; Teberosky (2008), o realismo nominal é muito forte, ou seja, quando a criança representa as palavras por suas características físicas, por exemplo, coisas grandes como uma casa e um carro seriam escritos com muitas letras, ao mesmo tempo em que coisas pequenas como formiguinha seriam escritas com poucas palavras; ou seja, a criança representam as palavras por suas características físicas estabelecendo letras sem se preocupar com as partes orais da palavra que quer escrever.

Em se tratando do letramento, entendemos que, “letramento é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 1998, p. 98). Nesse sentido, podemos refletir sobre este a partir do momento em que, há pessoas que praticam o fenômeno do letramento quando, numa sociedade, o sujeito sabe utilizar as práticas sociais da escrita. Como por exemplo, hoje, é importante que toda pessoa saiba, ora, ler um jornal, ora preencher um formulário, ora buscar informação numa agenda telefônica, ora saber o que há no conteúdo de um contrato de trabalho, ora, saber o que há em um contrato de locação de imóveis, além de outros; quer dizer, é a sociedade letrada que está a exigir de cada um de nós esses usos sociais da escrita

disponível na nossa sociedade. Por isso, compreendemos que a escola também precisa se apropriar desses conhecimentos para alfabetizar os seus alunos.

Com isso, sabemos que a alfabetização e letramento como já foram dito anteriormente, são distintos e inseparáveis, mas indispensáveis, tanto para a prática em sala de aula, como para que a sociedade reconheça a necessidade dessas práticas de leitura e de escrita.

E, por isso, em se tratando das práticas de alfabetização, torna-se ultrapassado o mero aprendizado das letras, da memorização, no sentido que, já não é mais suficiente para interagir socialmente. Com isso, o letramento surgiu, para explicar tal fato e, de certa forma, tentar suprir as necessidades do mundo letrado a nossa volta. É, de fato, uma sociedade cheia de cartazes, letreiros, faixas, predominantemente letras. Com isso, o desafio de hoje para os professores é de conciliar esses dois processos, de modo a assegurar aos alunos a apropriação do sistema alfabético/ortográfico como a condição plena do uso da língua nas práticas sócias que emergem a leitura e a escrita (PRÓ-LETRAMENTO, 2008).

Pois bem, em pleno século XXI, todos nós vivemos em uma sociedade letrada, em que a língua escrita está presente de maneira visível e bem marcante nas nossas atividades cotidianas. Inevitavelmente, as crianças têm contato com textos escritos e formularão hipóteses sobre sua utilidade, seu funcionamento, sua configuração e excluir essa vivência da sala de aula, pode ter o efeito de reduzir e artificializar o objeto de aprendizagem que é a escrita, possibilitando, assim, que os alunos desenvolvam concepções inadequadas e disposições negativas a respeito desse objeto.

De acordo com Vygotsky (2002), na vertente da psicologia dialética, é possível pensar que as interações sociais no processo de ensino aprendizagem são indispensáveis tanto entre professor aluno como entre aluno-aluno. Onde ocorre a aprendizagem através da mediação, no qual há trocas de saberes, diálogos, ou seja, ambos são mediadores do processo de construção deste novo conhecimento na interação entre sujeito e objeto.

Ao planejar sua prática pedagógica, o professor deve adequar o ensino às características e às necessidades dos alunos. De acordo com as os Parâmetros Curriculares Nacionais, vivemos um novo paradigma da educação. No qual “os professores deixam de ser transmissores de conhecimentos para serem mediadores, facilitadores da aquisição de conhecimentos” (BRASIL, 2001, p. 231). Isso exige que o professor assuma um importante papel no processo de ensino- aprendizagem de seus alunos.

Ao depender da fase dos anos iniciais do Ensino Fundamental e pensando num conceito bem mais amplo de alfabetização, onde o pedagogo é, por natureza, um alfabetizador em potencial, independente de estar na sala de alfabetização, a maioria dos professores, nos

dias atuais, deveria iniciar as suas aulas com o conhecimento prévio dos alunos, fazendo interrupções acerca do conhecimento do texto, questões como: Já vira em algum lugar esse texto? Onde? É importante estudar tal texto? Por quê? O que vocês já sabem desse assunto? Assim vejo a importância do letramento.

Na prática de ensino, o professor promove ou deve promover atividades sociais com motivos claros em que alunos participem, ativamente, de modo a construir a relação entre texto, motivo e atividade social. Questões sobre o quê, onde, como e por que usar determinado texto merecem atenção. Tal relação contribuirá para a formação do leitor iniciante, enquanto usuário da língua na cultura letrada. Na mediação pedagógica, o professor perde o poder absoluto de ser único mediador, pois os demais leitores do grupo participarão como mediadores na prática alfabetizadora. O aluno, ora se comporta como leitor, ora como autor de seu próprio discurso, alternando os papéis (MELO; ROCHA, 2009).

Em uma metodologia mediadora, o professor possibilita o desenvolvimento da autonomia do aluno, para que ele aprenda a aprender. Não é mais só o educador como centro de tudo, o dono do saber e pronto; interagem com os demais colegas entre outros profissionais da escola. O objeto de estudo, uma prática voltada à realidade dos educandos, motiva e desafia os mesmos à curiosidade, valorizando, assim, a diversidade dos alunos.

2.2 Pesquisa de materiais para a prática de alfabetização

Para iniciar essa temática fazem-se necessárias nos voltarmos para a compreensão de que todo trabalho com linguagens deve levar em conta que o aluno já tem contato com materiais escritos muito antes de ir à escola. A criança traz uma bagagem na qual envolve letras e números, permitindo, assim, construir hipóteses sobre a leitura e escrita. Essas vivências decorrem do contato cotidiano com a mídia, livros, jornais, letreiros, anúncios, cartazes, panfletos, convites, materiais esses que chegam com muita facilidade e quase todos os dias nas mãos das crianças, e hoje a maioria delas já sabe de qual material trata-se, devido a grande proporcionalidade com que esses materiais chegam.

Nessa concepção, o ambiente familiar ajudará, e muito, no universo da comunicação verbal e não verbal, pois sabemos que quanto mais a criança familiarizar-se com informações sobre a escrita e a leitura, conseqüentemente, melhores condições de construção de hipóteses a criança terá. A criação de um ambiente alfabetizador é de extrema importância para compreender o sistema de escrita. As crianças precisam, diariamente, estar mergulhadas em situações de usos reais da prática de leitura e escrita na escola que, muitas vezes, não propicia

esse ambiente alfabetizador, pois geralmente teoriza muito, mas não põe em prática o seu discurso.

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor disponha de diversos recursos didáticos para planejar seu ensino e suas aulas, para ocorrerem diferentes situações de aprendizagem com relevância, e principalmente os alunos possam usufruir na sociedade esse aprendizado. A todo o momento, ouvimos nossos educandos comentarem as notícias de jornal, livros de histórias, como é a regra de determinado jogo, convites, calendários, bilhetes, recado para a professora, enfim, uma infinidade de práticas envolvendo a leitura. Portanto, todos esses materiais citados deveriam estar presentes na sala de aula e que quase todo dia um aluno deveria fazer uso de um desses meios.

Dito de outro modo, a criança que vê os adultos no seu convívio participando de práticas que envolvam a leitura e a escrita tem muito mais facilidade de aprender do que aqueles que têm poucas oportunidades de presenciar essa prática. Cabe à escola oferecer aos alunos a possibilidade de participar dessas práticas sociais. Assim, é fundamental que se crie um ambiente alfabetizador na sala de aula, um espaço onde os alunos possam interagir individual ou coletivamente com a leitura e a escrita.

[...] Estar ativamente inserido na cultura escrita significa ter comportamentos 'letrados' atitudes e disposições frente ao mundo da escrita (como o gosto pela leitura), saberes específicos relacionados à leitura e à escrita que possibilitam usufruir de seus benefícios (PRÓ-LETRAMENTO, 2008, p. 19).

Por isso, é tão importante que a escola ofereça materiais concretos e de significância para as crianças, através da mediação do professor ou da professora, proporcionando aos alunos o contato com vários gêneros e suportes de textos escritos.

A cada experiência que se tenha com diversos suportes de textos, mais ampla torna-se a visão de nossos alunos acerca de quantas variedades existem nesse mundo afora e que é de extrema importância cada um desses suportes e gêneros. O contato com diferentes materiais proporciona ao aluno viver situações concretas de sua vivência, hoje indispensável, pois, geralmente, a maioria das crianças pode estar apta a vivenciar, em seu meio doméstico, uma leitura de uma receita, uma bula, e tais gêneros têm uma forma diferenciada para cada tipo de texto, por exemplo, devemos saber como são as etapas para a construção de uma receita (o que devo colocar primeiro, e depois), de uma carta, do bilhete, e assim sucessivamente. Na escola e através de usos frequentes destes materiais o aluno adquire tal conhecimento.

Para enfatizar o que já dissemos anteriormente, cabe à escola e aos professores proporcionar o contato direto aos alunos com diversos tipos de textos. E hoje em dia há uma facilidade e uma enorme variedade de encontrar materiais como: jornais, revistas, livros, historinhas em quadrinhos, gibis, parlendas, letra de música, fotos, poemas, cordéis, enfim há uma vasta riqueza de materiais a ser explorados e que com certeza farão toda a diferença na sala de aula quando nossas crianças começarem a manipularem esses textos.

É muito importante ressaltar que, quando se está na sala de aula, principalmente, na sala dos anos iniciais do Ensino Fundamental, um mundo letrado existe nesse espaço. De que forma? Proporcionando ao aluno diferentes materiais como livros, revistas, jornais, cartazes, listas, (de nomes, de aniversários,) alfabeto com todos os tipos de letra, quadro numérico, calendário, avisos, entre outros e tantos mais que vão surgindo de acordo com a necessidade do momento. Uma sala de aula na qual esses materiais se façam presentes e que, haja, de fato, a manipulação desses produtos culturais, como forma de aproximar a criança de um contato mais direto, com esses produtos culturais, no sentido de motivar nela a curiosidade em manipulá-los, já que, em casa, dependendo de cada realidade, muitas vezes isso é proporcionado.

É preciso deixar claro que não se trata apenas de cobrir as paredes com textos, mas oferecer oportunidades aos alunos de participar de situações onde a escrita e a leitura são necessárias. Por isso, é necessário refletir sobre o papel da escrita nos vários contextos sociais nos quais ela encontra-se como, por exemplo, preparar o convite para reuniões de pais, escrever uma carta para o colega, escrever um recado para a professora, fazer a contagem de dias para um evento na escola, contar os dias que faltam para um colega completar aniversário. O material exposto na sala de aula não é e nem deve servir exclusivamente de decoração ou etiquetagem, mas servir de apoio e consulta, desafiando e estimulando a curiosidade dos alunos.

Vale salientar que não é a exposição desses materiais que vai fazer com que a criança se alfabetize e que compreenda o sistema de escrita, mas, sim, a participação efetiva em práticas de leitura e escrita que vão acontecer com a mediação do professor, pois nesse caso o professor atua como um agente recíproco onde ajuda os alunos a encontrarem suas respostas e a pensarem sobre a leitura e a escrita, tirando suas dúvidas, dialogando diretamente com os alunos, enfim praticando a cidadania.

[...] Trabalhar conhecimentos, capacidades e atitudes envolvidas na compreensão dos usos e funções sociais da escrita implica, em primeiro

lugar, trazer para a sala de aula e disponibilizar, para a observação e manuseio pelos alunos, muitos textos pertencentes a gêneros diversificados presentes em diferentes suportes (PRÓ-LETRAMENTO, 2008, p. 20).

Não tem como ser um professor alfabetizador, se na sua sala de aula não estiver presente, ao menos, o alfabeto, não só para enfeitar a sala, mas, sobretudo, para ser manuseado. Pois o alfabeto é um material de apoio muito importante nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e conhecer o nome das letras do alfabeto é essencial no processo de alfabetização.

Por isso, é indispensável que o professor confeccione o seu próprio alfabeto tanto o móvel como para fixá-lo em um lugar visível. Com esse material há várias possibilidades para trabalhar, por exemplo, é um excelente recurso didático que possibilita ao educador planejar intervenções capazes de contribuir para o aluno compreender as correspondências entre fala e escrita, além disso, os alunos podem recorrer ao alfabeto sempre que quiserem encontrar uma letra, escrita dos nomes dos colegas, lista alfabética, agenda telefônica, entre outras estratégias.

3 ANÁLISE DA PRÁTICA ALFABETIZADORA DE PROFESSORAS PESQUISADAS

A pesquisa identificou e comparou as representações de professoras do município de Queimadas – PB sobre a alfabetização e letramento. Com o objetivo de verificar em quais aspectos as representações dessas educadoras correspondem ou divergem do conceito que elas têm sobre os termos *alfabetização* e *letramento*, e ainda se a prática das mesmas está realmente baseada em uma das teorias que norteiam sua prática, segundo suas representações. A coleta de dados foi organizada através de uma entrevista semiestruturada, a qual conforme Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Participaram desta análise duas professoras: sendo uma professora aposentada da rede pública municipal, tendo 52 anos de idade, tendo atuado na zona urbana e na zona rural. Enquanto que a outra é uma professora ativa da rede pública municipal, tendo 44 anos de idade e sempre atuou e atua na zona rural.

Essa pesquisa teve como objetivo perceber a visão de como essas educadoras apropriou-se das práticas de alfabetização nas quais existe, de fato, uma teoria que orienta a sua prática, considerando que, segundo Paulo Freire, a alfabetização é por si só, um ato político, portanto, não existe neutralidade na ciência.

Como nós professores somos espelhos para nossos educandos, conforme Freire (2002), o educador eterniza-se em cada ser que educa. Cabe a cada um de nós professores e professoras darem o nosso melhor para que cada criança veja em nós um exemplo de, responsabilidade, organização, pontualidade, respeito, carinho e acima de tudo humanidade pois precisamos e precisaremos ainda mais numa sociedade tão injusta como a nossa. Então se queremos que nossos alunos sejam tudo isso, que façamos e que sejamos os primeiros a fazerem também.

Depois de vários discursos sobre a questão de alfabetizar letrando, e/ou alfabetização e letramento, práticas deturpadoras sobre esses termos, buscamos saber como algumas professoras utilizam este conceito em suas práticas e como a alfabetização está sendo vista por profissionais que atuaram e atuam com esses conceitos. É muito rico e prazeroso mostrar como estão sendo vivenciados cada um desses processos e como nossas crianças estão sendo alfabetizadas em meio a tantas facilidades hoje existentes. Para fazer essa análise usei um questionário com sete questões acerca da alfabetização e sobre sua prática, conforme veremos a seguir:

Por que você escolheu a docência como profissão? Sente-se realizada/satisfeita?	
Justifique.	
PROFESSORA 1	Porque sempre gostei dessa profissão. Amava imitar minha professora, brincando de escolinha com minhas irmãs. E como profissional me realizei.
PROFESSORA 2	Porque o meu sonho sempre foi ser professora, e gosto muito do que faço. Sim, porque faço o que gosto. E ver o aprendizado das crianças me deixa feliz e realizada.

O resultado das entrevistas foi agrupado visando analisar as representações de alguns professores, observando que todas as professoras entrevistadas ingressaram na docência porque era um sonho ser professora; e até brincavam de imitar as educadoras. Sendo assim, ao meu olhar, já é mais fácil trabalhar com educadores que gostam do que fazem, pois sentem prazer e alegria de ver cada momento em que ocorre a aprendizagem. É notável ver um

docente que ama sua profissão e trabalha com amor, ele sabe ser carinhoso e ao mesmo tempo exigente em suas metas, sabe respeitar sem ser autoritário. Um bom professor estimula seus alunos e encontra neles a força da sua caminhada, sem confundir e trocar os papéis, porque o professor, acima de tudo, é um profissional.

Freire (1997), no seu livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, fala de algumas qualidades indispensáveis para o melhor desempenho dos professores. Ele nos faz refletir o quanto é importante termos humildade, amorosidade e coragem, mas ainda sobre todas essas coisas permanece a humildade:

“Começarei pela humildade que, de modo algum significa falta de acato [...]. Pelo contrário, a humildade exige coragem em nós mesmos [...]. A humildade nos ajuda a reconhecer que ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo” (FREIRE, op. cit., p. 37).

Para que ocorra uma boa aprendizagem é necessário haver uma boa e agradável relação entre professor-aluno e aluno-professor, isso faz a aquisição dos conhecimentos fluir de maneira mais harmoniosa e prazerosa, sem ter o risco de o nosso ambiente ser um ambiente de autoritarismo e rebeldia de ambas as partes: “é preciso juntar a humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos a uma outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado. E amorosidade não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar” (ibidem, p. 38). Ao ter essas qualidades o professor vai mais longe e não desacredita de seus próprios alunos, assim como os alunos vão sentir-se mais confiantes e entusiasmados.

A segunda questão remete como a alfabetização ocorre para os professores pesquisados, conforme o quadro abaixo:

Para você, como a alfabetização ocorre? Explique com detalhes.	
PROFESSORA 1	A alfabetização se dá de maneira gradativa, contínua e de acordo com a aquisição de cada criança. Podemos dizer que uma criança está alfabetizada quando ela é capaz de escrever, ler e interpretar pequenos textos.
PROFESSORA 2	A alfabetização é um processo contínuo, que ocorre de acordo com cada criança, para umas ocorre de forma mais rápida e para outras é um processo lento e que precisa ser acompanhado passo a passo.

Para as professoras observadas vejo que, ao perguntar sobre como ocorre a alfabetização, ambas responderam semelhantemente e se aproximam de teorias como as de Ferreiro (2002), Piaget (1978) e Vygotsky (2002), segundo os quais cada criança tem seu tempo e suas metodologias para ser alfabetizada. No entanto, para essas educadoras o sentido de alfabetizar é muito restrito, embora tenham consciência de saber que o termo *alfabetização* é muito amplo. A alfabetização é um processo de apropriação do sistema de escrita e da leitura, sendo assim ela precisa adequar-se à nova sociedade que surge cada vez mais cheia de símbolos, letras e números.

Para essas professoras, a alfabetização ocorre de maneira gradativa, é um processo contínuo, onde cada criança tem seu ritmo de aprendizagem. Atividades diferenciadas para cada tipo de dificuldade de aprendizagem é uma ferramenta adequada e permite ao aluno adquirir o conhecimento necessário para agir em uma situação específica. É preciso ter em conta que, com certas crianças, é necessário trabalhar mais determinadas estratégias do que outras. Alguns meninos e meninas, por exemplo, precisam mais de uma estratégia ligada à decifração, porque decoram as palavras e seus significados, mas não conseguem estabelecer a relação letra/ som, que ajuda a ler palavras novas (MAGALHÃES, 2005).

Toda sala de aula, por si só, já é pluricultural, são muitos os pensamentos, os modos de agir, de viver, de conhecer, e diariamente estamos entrelaçando a nossa singularidade com os outros sujeitos, e por isso devemos sempre respeitar a maneira, o tempo e o espaço do outro. Na leitura as crianças precisam encontrar sentido, portanto cabe a nós professores garantir que a leitura e a aprendizagem faça sentido.

[...] os professores devem simplesmente facilitar e promover a admissão de cada criança no clube da alfabetização [...] a sala de aula deve ser o lugar onde ocorrem as atividades de leitura e escrita significativas e úteis, onde é possível a participação sem coerção ou avaliação e onde sempre haja disponibilidade de colaboração. Nenhuma criança deve ser excluída. (SANTOS; MACHI, 2013, p 6).

Podemos nos questionar: e a escola está respeitando os alunos sem coagi-los, estando disponível para colaborar sem excluir? As respostas das professoras pesquisadas, os discursos que, muitas vezes, o professor apropria-se, acabam não tendo eco nas suas práticas, o que é preocupante.

Ao perguntar sobre a abordagem pedagógica, questão essa de suma importância para todo professor e professora, pois é a base que sustenta ou norteiam sua prática, ao perguntar sobre qual abordagem é utilizada, ou qual teoria você utiliza, percebo que os professores não

respondem com segurança, deixando a acreditar que nem eles próprios sabem os conceitos das abordagens. Vejamos as respostas:

Qual a abordagem pedagógica que você adota? Por quê?	
PROFESSORA 1	Eu escolho o que há de positivo nas várias abordagens pedagógicas e que favoreça uma aprendizagem satisfatória para meus alunos.
PROFESSORA 2	Eu utilizo várias abordagens e de acordo com o nível de cada criança, mais enfatizo mais o tradicional mesmo e o construtivismo.

Ao perguntar sobre a abordagem pedagógica utilizada, observo que as professoras entrevistadas não se preocupam em expressar qual o melhor método utilizado, mas sim em oferecer o melhor para seus alunos para realmente terem uma aprendizagem satisfatória. Elas vão selecionando o que há de positivo nas várias abordagens pedagógicas, como o tradicionalismo e o construtivismo, pois essas duas tendências se fazem necessárias para haver uma boa aprendizagem, segundo as educadoras entrevistadas.

Para a tendência pedagógica tradicional, nomenclatura utilizada por Saviani (1992) e Libâneo (2000), os indivíduos estão na condição de excluídos porque lhes falta conhecimento. Por este motivo, a escola propõe-se a transmitir o produto final do saber científico e universal. É como se o aluno não tivesse conhecimento algum e a escola depositasse todos os conhecimentos em sua cabeça, não se preocupando de saber quais conhecimentos ele já conhece, indagando-lhe, perguntando-lhe, enfim, a responsabilidade é só transmitir os conhecimentos necessários.

Já a tendência construtivista, fundada por Jean Piaget, pressupõe que o sujeito [aluno] é um ser ativo estabelecido da relação de troca com o meio-objeto [físico, pessoa, conhecimento], é uma relação de reciprocidade, é uma relação ensino-aprendizagem (CAETANO, 2010). Ao contrário do ensino tradicional, na visão de Piaget (1958), os sujeitos possuem conceitos não científicos, ou seja, os chamados conceitos espontâneos, ou atualmente utilizam-se conhecimentos prévios à medida que esses conhecimentos lhe permitam entender sobre a realidade e a relacionar-se com ela.

É imprescindível atualmente começar qualquer palestra, aula, debate sem levantar hipóteses acerca do assunto discutido, ou seja, nesse momento buscar os conhecimentos prévios, a procura de informações acerca do tema em discussão constitui um momento fértil, voltado para um resultado de saberes e investigação da informação que pressupõe em uma aprendizagem significativa e prazerosa para o professor e o aluno. Como seria importante se,

“Ao proceder dessa forma, o docente estará estimulando o desenvolvimento da curiosidade, do pensamento analítico e reflexivo” (FARIAS *et al.*, 2011, p. 152). A escola necessita desenvolver o pensamento analítico da criança que, de certa forma, já vem do seio familiar propensa a desenvolver a sua curiosidade.

“O professor deve conhecer os princípios teóricos que orientam suas escolhas metodológicas [...] As abordagens metodológicas então, não devem ser usadas igualmente para todos os conteúdos, em todas as turmas, e, dentro da mesma turma, com todos os alunos. Por isso, Francisca Maciel acrescenta: é importante que o professor conheça os diferentes métodos, não só como conhecimento histórico, mas para fazer relações com sua prática docente”. (MAGALHÃES, 2005, p. 9).

Com base nessa ideia, a escola deixa transparecer que está longe de aproximar-se dessa reflexão, quando não consegue modificar as abordagens metodológicas, de acordo com os conteúdos a serem estudados, diferenciando-os de turma para turma.

Analisaremos a seguir os problemas de aprendizagem, levando em consideração o número de alunos da turma e alguns requisitos para suas soluções, conforme mostra o quadro a seguir com as respostas das professoras.

Qual o número de alunos na sua sala? Há problemas de aprendizagem? Quais? Como são percebidos? Qual sua postura perante os mesmos? Qual a postura da escola?	
PROFESSORA 1	23 alunos e alguns deles com problemas de aprendizagens, como déficit de atenção e dislexia. Esses problemas são detectados através de diagnóstico e observação diária na sala de aula. A nossa primeira atitude é conversar com os pais e informar a escola. A escola busca as melhores soluções para favorecer o aprendizado dessas crianças, como atividades diferenciadas para cada caso.
PROFESSORA 2	20 alunos, sim, deficiência na leitura, compreensão e escrita. Esses problemas são percebidos no dia a dia e durante a realização das atividades propostas. Busco ajudá-los reforçando a atenção com as crianças que apresentam dificuldades e proporcionando atividades voltadas aos níveis de dificuldades em que cada aluno se encontra. A escola não tem feito nada, simplesmente ignora.

Em relação à quantidade de alunos na sala de aula são em média 20 alunos. A professora 1 relata que os problemas são: deficiência na leitura, déficit de atenção e dislexia, já a professora 2 diz que os problemas são apenas na leitura e escrita nos quais ambas relatam que esses problemas são percebidos com observação diária e diagnóstico, a postura das professoras é sempre ajudar as crianças, proporcionando atividades voltadas aos níveis de suas dificuldades, buscando sempre as melhores condições para favorecer um aprendizado eficaz.

Ao analisar a representação dos docentes sobre as dificuldades dos alunos, vejo uma grande preocupação com a aprendizagem dos alunos, os professores fazem o impossível para que cada criança tenha um bom desenvolvimento, são conversas com os pais, orientação à direção da escola, atividades diferenciadas para cada caso, então há uma preocupação por parte do professor, pois todo professor bom quer ver seu aluno crescer, e se preocupa ao extremo com sua qualidade de ensino aprendizagem.

[...] Para formar leitores, o professor, além de ser plenamente letrado, é claro, precisa ter os conhecimentos necessários para agir como um verdadeiro agente social. [...] O agente social, antes de ensinar um novo modo de se relacionar com a tecnologia [...] descobre, em primeiro lugar se a atividade tem alguma função na vida do outro. (KLEIMAN, 2005, p. 51).

É assim que todo professor competente deve agir, ele preocupa-se com a importância do conhecimento para seus educandos. Conforme Farias *et al.* (2011), é necessário, no entanto, ter cuidado de não negar o seu papel, qual seja, o de provocar e mediar a aprendizagem dos seus alunos. Em relação à escola, alguns professores dizem que a mesma tenta ajudar de todas as maneiras possíveis para haver uma aprendizagem significativa, outros dizem que a escola não tem feito nada, simplesmente ignora.

Há casos em que a escola ajuda com toda disponibilidade, entrega materiais diversificados para cada tipo de dificuldade, faz palestras, incentiva os familiares, enfim, faz o que estiver ao seu alcance; já outras fingem não perceber que seus alunos estão cada dia mais se afundando em suas próprias dificuldades. Quando a escola é parceira o trabalho amplia-se e ganha novos horizontes, aumenta o prazer do professor por fazer mais e mais, e o aluno percebe e começa a entusiasmar-se e tomar gosto pelos conhecimentos, tornando-se responsável e com desejo de ir à escola que lhe recebe com apreço e sabe cuidar do seu emocional, intelectual e do comportamento, promovendo assim o bem-estar subjetivo e o desenvolvimento pessoal. No entanto compreende-se que: “As escolas não podem ser vistas como totalmente responsáveis pelo grau de sucesso alcançado pelas crianças ao se

alfabetizarem. Entretanto, o papel a ser desempenhado pelos professores é fundamental” (SMITH, 1999, p. 1).

A escola é uma instituição e como tal tem suas hierarquias, organização [tempo, chegada, recreio, atividades, dança, brincadeiras], enfim, há uma organização escolar, que antes parecia simplesmente introduzir na escola a versão social da leitura, bastava respeitar a natureza da prática social da leitura e levar em conta os processos construtivos das crianças.

Atualmente a concepção que se tem da sociedade [uma sociedade letrada] e o do sujeito [cada vez mais incessante] não é mais o único fator determinante da versão escolar da leitura, porque agora ambos, sujeito e sociedade, estão cada vez mais avançando e essa complexidade não é natural para a escola. A escola como campo de atuação constante deveria acompanhar essa evolução, mas sua caminhada ainda é de forma muito lenta.

“A leitura na escola antes de tudo é um objeto de ensino [...] para que a leitura, como objeto de ensino, não se separe demais da prática social que se quer comunicar, é imprescindível representar ou representar na escola, os diversos usos que ela tem na vida social”. (CONTRI *et al.*, 2014, p. 02).

É dever da escola oferecer aos alunos a possibilidade de participar dessas práticas sociais. Assim, é fundamental que se crie um ambiente alfabetizador na sala de aula, um espaço onde os educandos possam interagir individual ou coletivamente com a leitura e a escrita.

Ao perguntar sobre o acompanhamento das dificuldades dos alunos vemos o que as professoras pesquisadas relatam, diante disso é relevante esclarecer que toda sala de aula por melhor que seja, haverá sempre dificuldade, seja na aquisição de alguns conhecimentos Ou na quantidade de alunos.

Você acompanha as dificuldades de seus alunos na aquisição da escrita? De que forma?	
PROFESSORA 1	Sim, observando as principais dificuldades e promovendo atividades que envolvam a leitura e principalmente a escrita. Uma dessas atividades pode ser a lista.
PROFESSORA 2	Sim. Proporcionando atividades em que eles possam mostrar suas dificuldades e desenvolvimento no processo de escrita.

As professoras entrevistadas relatam que proporcionam atividades que contribuam para o desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita dos seus alunos, umas dessas atividades pode ser a escrita de listas, como diz a professora 1. A leitura cada vez maior de materiais diversificados ajuda a melhorar a escrita, pois quanto mais se lê mais possibilidades de conhecimento se tem e novos hábitos vão surgindo a partir da leitura.

Uma forma de acompanhar também os alunos na aquisição da escrita é fazer sondagens constantes de como o aluno pensa a escrita, sugerindo algumas atividades como: entregar para cada aluno uma ficha com imagens e espaços para a escrita das palavras correspondentes, preferencialmente, pertencentes ao mesmo campo semântico: animais, brinquedos, alimentos, entre outros; pedir que cada educando escreva como souber as palavras que correspondem às imagens (MANSANI, 2016). E no momento posterior sugerir que as crianças leiam o que escreveram, fazendo o registro da escrita formal abaixo da escrita do discente.

Cada aluno deverá ler o que escreveu, apontando as letras ou sinais correspondentes à fala. A escolha das palavras da ficha pode ser feita de forma que o aluno tenha de escrever palavras polissílabas, trissílabas, dissílabas e monossílabas. É muito importante saber quais atividades trabalhar para chegar a um bom resultado e garantir que o educando compreenda o sistema de escrita. Há várias atividades colaborativas para ajudar os alunos na aquisição da escrita. Uma das professoras entrevistadas mencionou a lista como uma de suas atividades, e realmente vejo a lista como uma riquíssima atividade, pois abrange diversas finalidades que podem ser trabalhadas, através da lista podemos solicitar ao aluno a identificação explícita de sua finalidade, se é uma lista de seus brinquedos preferidos, ou de animais, e assim por diante.

Outro recurso muito importante é que o professor confeccione seu alfabeto móvel, um material de extrema importância para aquisição da leitura e escrita. Este material possibilita ao professor fazer intervenções capazes de contribuir para o aluno compreender as correspondências entre fala e escrita, além disso, os alunos recorrem ao alfabeto sempre que quiser identificar as letras dos nomes dos colegas, lista alfabética, agenda telefônica, entre outras estratégias.

“Trabalhar conhecimentos, capacidades e atitudes envolvidas na compreensão dos usos e funções sociais da escrita implica, em primeiro lugar, trazer para a sala de aula e disponibilizar, para a observação e manuseio pelos alunos, muitos textos pertencentes a gêneros diversificados presentes em diferentes suportes”. (BRASIL, 2007, p. 20).

Seria o ideal, se aplicássemos o letramento em sala de aula, mas acontece que, muitas vezes, os professores apropriam-se do discurso e terminam reproduzindo um discurso muito bem elaborado, mas não condizente com a prática. Talvez seja falta de compromisso político com a educação, sabendo que toda mudança implica em trabalho, e o melhor é mesmo reproduzir uma prática que já vem sendo feita durante muito tempo.

Analisaremos a partir daqui o planejamento das professoras pesquisadas, e como estas planeja suas aulas, pois sabemos que o planejamento é fundamental para a realização de um bom trabalho aos quais dominar conhecimentos que possa contribuir para a vida social, emocional e afetivo dos alunos.

Você planeja suas aulas? Como?	
PROFESSORA 1	Sim, o planejamento é semanal, flexível e de acordo com o nível da turma.
PROFESSORA 2	Com certeza. Diariamente seguindo o cronograma fornecido pela secretária de educação

Ao analisar a representação das professoras sobre o planejamento de suas aulas, fator de extrema importância para se ter um bom trabalho, ambas disseram que, com certeza, planejam as aulas semanalmente, sendo uma flexível e de acordo com o nível da turma; outra segue o cronograma fornecido pela Secretaria de Educação. Esses dados revelam que os professores desempenham bem o seu papel, planejam suas aulas conforme a sua turma e são flexíveis, pois todo e qualquer planejamento está apto à mudança de acordo com as necessidades que vão surgindo.

Nesse sentido, fazer um planejamento capaz de contribuir para a realização de um trabalho intencional e também para nossa tarefa de formar alunos com maior domínio dos conhecimentos que a escola deve trabalhar é a ferramenta essencial e contribuinte, de fato, com as escolhas que nós professores atuamos, como forma de garantir, assim, um aprendizado de qualidade para o nosso aluno poder avançar na sua aprendizagem.

Para Luckesi (2009), planejar significa clarear o desejo do que se quer obter como resultado positivo. Sem essa clareza do que se quer, como ponto de chegada, não se chegará a lugar algum. Evidentemente, o desejo clareado necessita ser acompanhado da definição do conjunto de ações que fará dele uma realidade. Clareado o desejo, traça o modo, o caminho de como atingi-lo.

Não há um resultado satisfatório sem que antes haja um bom planejamento. Então, para conseguir bons resultados, primeiro preciso saber o que é planejamento, como e por que devo planejar minhas ações. Segundo o dicionário, é um serviço de preparação de um trabalho, de uma tarefa, com o estabelecimento de métodos convenientes, planificação. Quando nós planejamos qualquer coisa, até mesmo a lista de compras, saímos de forma mais organizada e estruturada, sabemos o que realmente queremos comprar e levar para casa, bem como os alimentos, produtos que não há necessidade de adquirir, e assim distribuimos melhor as nossas compras e, o mais importante, o dinheiro.

Ao trazer como exemplo a lista de compras, é, aparentemente, uma atividade tão simples, mas quando é planejada pode sair de uma forma tal que podemos até nos surpreendermos, com a ordenação dos fatores. Do mesmo modo é o planejamento escolar, sem ele não há resultados agradáveis e muito menos desenvolvimento em nenhuma área escolar, pois o ato de planejar deve ser essencial para obter os melhores resultados.

Quando pensamos em fazer uma viagem planejamos quase tudo: o lugar, dia, o horário, o que levar, o que não levar, enfim, pensamos com cuidado cada detalhe, do mesmo modo é o trabalho de nós professores, pensamos em cada detalhe da aula, cada sujeito encontrado, o tempo, o espaço, para tudo vim concretizar-se da melhor maneira possível e poder contribuir para a formação de um “bom” leitor.

[...] “O planejamento deve ser visto como possibilidade de fazer a rotina escolar um momento de escolha e decisão. Aquele professor ou professora que analisa sua classe aprende a conhecer seus alunos, enxerga suas necessidades, busca atividades, ações, interferências para que os alunos avancem na qualidade do domínio do conhecimento escolar”. (BRASIL, 2007, p. 24).

O planejamento também nos orienta, ao reunir, procedimentos e metodologias que pretendemos desenvolver com nossos alunos, dá uma direção ao nosso trabalho e nos auxilia na organização das atividades dentro do tempo pedagógico, com o planejamento sabemos o que realmente importa a aprender naquele momento e o que não é necessariamente tão importante. Por isso é muito relevante que o trabalho docente seja sempre precedido de um criterioso planejamento e que este seja participativo, flexível e que inicie a partir do interesse dos alunos. Mas lembrando, que somos nós professores e professoras responsáveis pela relação ensino-aprendizagem e pela escolha de ações que resultem no aprendizado do aluno, ou seja, a partir da realidade do aluno, mas quem decide o trabalho somos nós.

Nesta parte, busco analisar como os professores observam os processos de avaliação, e como fazem o acompanhamento do processo de alfabetização. Pois "avaliar significa, na forma dicionarizada, valorar, estimar o valor ou merecimento. É um processo, portanto, regulador por valores, que marcarão as concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem. Esses valores mudam em função das formas de organização escolar, dos projetos pedagógicos e das concepções e convicções de cada professor ou professora. Por isso mesmo, é um processo complexo, com muitas possibilidades e limitações". (Pró letramento, 2008 p.9)

Como você avalia seus alunos? Explique com detalhes.	
PROFESSORA 1	Essa avaliação se dá de forma contínua, com observação dos avanços e dificuldades de cada um. A partir dos resultados dessa observação procuro adequar a melhor metodologia para um aprendizado satisfatório.
PROFESSORA 2	De forma contínua, através de pesquisa, trabalhos em grupos e individuais. E ao final de cada bimestre é realizada uma avaliação escrita e individual.

Ao analisar a concepção sobre a avaliação dos alunos, percebemos que os professores não variam muito de avaliação, sendo esta feita de forma contínua, ou seja, é aquela avaliação que ocorre constantemente e é aplicada com o objetivo de analisar o desempenho dos alunos e o resultado do trabalho do professor. As professoras entrevistadas observam os avanços e as dificuldades dos alunos através de pesquisas, de trabalhos feitos diariamente, também são feitos trabalhos em grupos e individual, e uma avaliação individual escrita no final de cada bimestre, ou seja, “prova”, ou sondagem das hipóteses da escrita e da leitura.

Atualmente, algumas escolas e professores veem a sondagem/prova como um processo aterrorizante, não sendo hoje mais obrigatório fazer uma sondagem com os alunos. Na minha concepção vejo esse processo como uma lente capaz de permitir uma visão mais detalhada do processo de ensino-aprendizagem, claro que não devemos usar só a sondagem para avaliar nossos alunos, até porque só assim não daria conta, mas por meio da sondagem é possível e útil levantar informações tanto sobre o trabalho pedagógico do professor, como o aproveitamento do aluno. É de extrema importância a avaliação, pois uma de suas finalidades é contribuir para o êxito do trabalho na escola e acompanhar o desenvolvimento e o desempenho do educando. Sem a avaliação não podemos afirmar se houve ou não um alcance no ensino-aprendizagem.

[...] É preciso perceber o aluno em suas dimensões cognitiva, afetiva e cultural, de forma a compreendê-lo melhor em sua diversidade, em suas crenças, em sua forma de aprender. Portanto, importa avaliar o aluno como um todo, nos diversos momentos que envolvem a aprendizagem: no relacionamento com os colegas, no empenho para solucionar problemas propostos, nos trabalhos escolares, nas brincadeiras, etc. (COSTA; BARRETO, 2013, p. 08).

Outro fator muito importante é possibilitar que a avaliação valorize a reflexão do aluno, pois sem isso estaremos apenas reproduzindo cópias, resultando em um fracasso escolar, sem avançar em novos conteúdos e capacidades. Sabemos que há vários critérios de avaliação, e que todos são significativos, desde que seja de acordo com a realidade de cada turma.

No entanto, as professoras pesquisadas, em seus discursos, deixam transparecer que utilizam a avaliação contínua e processual, observando diariamente o desempenho do aluno, até porque o município, em geral através da Secretaria, determina qual o modelo de avaliação a ser seguido. Segundo Pró Letramento (2008), a escolha dos critérios de avaliação exige uma flexibilidade e uma análise por parte dos professores, pois avaliar é uma tarefa muito complexa por várias razões:

- Não se pode tomar como referência apenas o desempenho dos alunos entre si, mas principalmente a análise do progresso de cada aluno, tendo em vista a trajetória particular de sua aprendizagem;
- Um progresso em relação a um critério pode manifestar-se através de condutas diversificadas em crianças diferentes;
- Uma conduta, por mais observável que seja, poderá estar sinalizando progressão em alguns contextos e não em outros, tendo em vista um mesmo critério de avaliação.

Por isso é tão difícil avaliar com apenas um critério, pois há várias capacidades envolvidas no processo, capacidades motoras, cognitivas, socioafetivas, éticas e estéticas. O aluno pode ser ou demonstrar boa aptidão em algumas dessas capacidades e/ou em apenas em uma. Por isso, não há como dizer que o sujeito necessariamente aprendeu ou não determinado conhecimento por completo.

[...] a “zona de desenvolvimento proximal” é um conceito desenvolvido pelo psicólogo soviético Vygotsky [1896-1934], de grande importância para o ensino e a aprendizagem. Este processo é analisado por esse teórico como a distância entre o que já se encontra consolidado no desenvolvimento da criança e os desempenhos possíveis ou as capacidades que ela poderá vir a

desenvolver pela mediação de outros mais experientes ou com mais domínio em determinados conceitos ou habilidades- sejam eles adultos ou colegas. (BRASIL, 2007, p. 18).

Assim sendo, se faz necessário que o professor tenha conhecimentos para identificar as dificuldades dos alunos no intuito de superá-las. A partir das dificuldades constatadas, ele pode se perguntar: O que posso mudar? Como vou elaborar algo construtivo para o aluno? Enfim, não somente o educando está com problema, mas, às vezes, identificamos problemas que podem estar ocorrendo com as práticas de ensino, com as metodologias, como a forma de tratar a leitura e a escrita. Dessa forma, o trabalho docente precisa ser permanentemente avaliado, como afirma Brasil (2007, p. 23), uma importante conquista será o monitoramento de ações:

[...] o sucesso de um projeto pedagógico de alfabetização depende crucialmente do envolvimento dos profissionais comprometidos com a alfabetização. A esses profissionais é que cabe, afinal, perguntar e responder: quem são as crianças que temos á nossa frente? Como trabalhar acreditando que toda criança pode aprender a ler e escrever? Que condições são buscadas para garantir uma alfabetização de qualidade para todos? (PRÓ-LETRAMENTO 2008, p. 23)

É importante que o professor e o aluno saibam da importância da avaliação e que essa ocorra de forma sistemática, servindo como um diagnóstico contínuo, dinâmico e prazeroso para ambos, pois só assim conseguiremos avançar nas propostas de aprendizagem e o aluno se apropriarem dos novos conceitos. Cabe a nós professores e professoras fazer uma análise de cada aluno segundo as suas bagagens [experiências prévias, familiaridade, e ambiente] por que só assim estaremos seguros consigo mesmo, e não seremos injustos com as crianças.

Ao analisar todas as questões colocadas para as professoras percebo que as mesmas tentam ajudar seus alunos, sim, em cada dificuldade que surgem, mas o letramento como prática norteadora de suas aulas não é utilizado com tanta nitidez, ou quando se faz uso dessa prática é muito pobre, ou seja, as educadoras até sabem o quanto é importante alfabetizar na perspectiva do letramento, mas não mantêm o foco constante, partindo assim para conteúdos programáticos do livro didático. Não que esse não seja importante, porém a prática de fazer relação dos conteúdos na vida social está muito longe do que se quer alcançar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo geral desse trabalho, percebemos que falar dos termos *alfabetização e letramento* não é e jamais vai ser uma tarefa fácil, pois a alfabetização é um processo longo, já consolidado há décadas, e até hoje buscamos aperfeiçoar a nossa aprendizagem. Nesse sentido a alfabetização já não é suficiente para atender à demanda de uma sociedade cheia de símbolos, letras e códigos. Por isso o letramento vem ganhando cada vez mais espaço nas salas de aulas, onde professores inovadores e pesquisadores procuram oferecer significância à aprendizagem de seus alunos.

Atualmente, já é ultrapassada e desvalorizada a prática docente que não envolva as mais variadas práticas de leitura e escrita, fazendo uso em nosso cotidiano social, pois o conhecimento prévio dos alunos e os materiais que circulam hoje nos proporcionam oportunidades de leitura e escrita muito eficazes, porque as crianças utilizam e gostam dessas atividades, sendo as que elas conhecem, oferecendo um novo aporte para o conhecimento, consolidando a sua aprendizagem.

Os dados evidenciam que, apesar de todo o conhecimento existente na atualidade a respeito dos termos *alfabetização e letramento*, as professoras entrevistadas não associam suas práticas a esse conhecimento, não fundamentam em teorias que levem ao letramento. Essas educadoras utilizam de práticas tradicionais de leitura e escrita, levando em consideração que a alfabetização para essas docentes é um processo contínuo, ocorrendo de acordo com cada criança. Assim sendo, elas escolhem o que há de positivo na abordagem tradicional. O letramento para essas ocorre de maneira muito sutil, e que quando começam as aulas interrogando, questionando os alunos sobre determinado assunto, para elas, já é um bom começo.

Não pretendo e nem quero privilegiar nenhuma das facetas, alfabetização e letramento, mas sim mostrar que, segundo Val (2006), ambos são processos específicos e inseparáveis para a conquista de capacidades envolvendo a língua escrita, e conseqüentemente se prolongarão por toda a vida com crescente possibilidade de participação nas práticas sociais. As professoras entrevistadas preocupam-se, sim, em manter a aprendizagem dos alunos, sabem como ocorre o processo da alfabetização, acompanham as dificuldades dos educandos, mas não enfatizam muito o letramento, não atribuem aos conteúdos uma dimensão produtiva para o letramento vim a tornar-se uma prática cotidiana em suas aulas.

O letramento não é uma preparação para a alfabetização, nem a alfabetização é condição indispensável para o início do processo de letramento, mais sim devemos adequar de

maneira articulada e simultânea a alfabetização e o letramento. A alfabetização é indispensável para chegar ao letramento. Sem ela não podemos formar uma pessoa letrada. Segundo Kleiman (2005), todos precisam da alfabetização para ser letrados, os métodos para alcançar esses objetivos devem variar conforme o aprendiz. O método é uma estratégia relacionada ao aluno, não apenas ao conjunto de saberes envolvidos. Kleiman (op. cit., p. 40) incentiva muito a prática do letramento, quando em um trecho do seu livro *Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* diz:

“Quando o foco está na prática do letramento, corre-se menos risco de engajar o aluno em atividades de “faz-de-conta”. Se começarmos pelo objetivo de “ensinar” o aluno a escrever “abaixo-assinados” é muito mais provável resultar um texto que ninguém, fora da turma que o escreveu lerá”.

Esta pesquisa foi fundamental para compreender e mostrar que a alfabetização é um processo muito amplo e de extrema importância para qualquer nível de ensino; sem ela não chegaremos a lugar nenhum, e o letramento deve ser a ponte de ligação para desenvolver uma ação pedagógica produtiva e com significados relevantes para a vida dos alunos, não só dentro da sala de aula, mas sim para o mundo ao seu redor.

LITERACY: CONCEPTION OF TWO RESEARCH TEACHERS

Alinne Barbosa Cabral[†]

ABSTRACT

This work has the general objective to investigate how two teachers are literacy our children in the perspective of literacy, in two schools of the municipal network of the city of Queimadas – PB. For this, this study is based on a qualitative and bibliographical research about literacy and literacy, in view of the articulation of the concepts of the theme and how teachers are approaching these concepts. The literature search was based on research sources of scientific articles from some Brazilian universities, such as the studies of authors such as Soares (2002, 2004), Franchi (2012), Franchi (2012), Freire. Having as methodology the qualitative research and as a research technique for the data collection semi-structured interview with some teachers of the municipal public network of the municipality of Queimadas about their literacy practice and the training of readers. The answers of the interviews were analyzed through references such as Magda Soares, Paulo Freire and Êgle Franchi.

Keywords: Literacy. Literature. Teachers. Municipal network.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO, Rebeca Castro. 2013. **A construção do sentido e do significado da leitura por crianças em fase de alfabetização.** Disponível em: <<https://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/JOR/A%20CONSTRUCAO%20O%20SENTIDO%20E%20DO%20SIGNIFICADO%20DA%20LEITURA%20POR%20CRINCAS%20EM%20FASE%20DE%20ALFABETIZACAO.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pró-Letramento: Alfabetização e linguagem.** Brasília: MEC/SEB, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/fasciculo_port.pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 3. ed. Brasília, 2001.

CAETANO, Luciana Maria. 2010. **A epistemologia genética de Jean Piaget.** Disponível em: <http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&id=1797:a-epistemologia-genetica-de-jean-piaget&Itemid=97>. Acesso em: 29 set. 2017.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1989.

[†] Graduate student in Pedagogy at the State University of Paraíba – Campus I. E-mail: alinnebarbosa2012@hotmail.com

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CONTRI, Andréia Mainardi; BRUTTI, Elizane A.; LINCK, Ieda M. Donati; NEUBAUER, Vanessa Steigleder. 2014. **A democratização do ensino de língua: uma prática social**. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/DIREITO%20A%20EDUCACAO/ARTIGO/ARTIGO%20-%20A%20DEMOCRATIZACAO%20DO%20ENSINO%20DE%20LINGUA%20UMA%20PRATICA%20SOCIAL.PDF>>. Acesso em: 24 set. 2017.

COSTA, Otilia Maria dos Santos; BARRETO, Sônia Maria da Costa. 2013. **Avaliação escolar e sua significação no processo educativo na primeira fase do Ensino Fundamental**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT1/GT1_Comunicacao/OtiliaMariadosSantosCosta_GT1_integral.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2011.

FERRARI, Márcio. Emília Ferreira, a estudiosa que revolucionou a alfabetização. **Nova Escola**, outubro de 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>>. Acesso em: 21 set. 2017.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Loyola, 1997.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Brasília: MEC/Campinas: CIFEL/UNICAMP, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. 2009. **Planejamento, execução e avaliação**. Disponível em: <http://luckesi.blogspot.com.br/2014_09_26_archive.html>. Acesso em: 25 set. 2017.

MAGALHÃES, Naiara. 2005. **Retrospectiva: história dos métodos de alfabetização**. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/retrospectiva-historia-dos-metodos-de-alfabetizacao-1.html>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MANSANI, Mara. 5 princípios para a hora de pensar numa sondagem na alfabetização. **Nova Escola**, 08 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/16/5-principios-para-a-hora-de-pensar-numa-sondagem-na-alfabetizacao>>. Acesso em: 21 set. 2017.

MELO, S. C. B.; ROCHA, Silvia Roberta da Mota. **Modelos teórico-metodológicos de alfabetização e letramento: implicações pedagógicas**. In: XIX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2009, João Pessoa.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958.

SANTOS, Carmelita Pereira Alves dos; MACHI, Maria Cristina de Oliveira. 2013. **Os textos literários na aprendizagem nos anos iniciais**. Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000021090.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SOARES, Magda. _____. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio – Revista Pedagógica. Porto Alegre – RS, Artmed Editora. 2004.

VAL, Maria da Graça Costa. Alfabetização e letramento. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: MEC, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. Tradução: J. C. Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ANEXO – ROTEIRO DE ENTREVISTA

PERFIL

Idade: _____ Estado Civil: _____ N° de filhos: _____

Formação: _____ Ano de formação: _____

Instituição formadora: _____

Função: _____ Tempo na função: _____

Vínculo empregatício: _____ Tempo na escola: _____

1 – Por que você escolheu a docência como profissão? Sente-se realizada/satisfeita? Justifique.

2 – Para você, como a alfabetização ocorre? Explique com detalhes.

3 – Qual a abordagem pedagógica que você adota? Por quê?

4 – Qual o número de alunos na sua sala? Há problemas de aprendizagem? Quais? Como são percebidos? Qual sua postura perante os mesmos? Qual a postura da escola?

5 – Você acompanha as dificuldades de seus alunos na aquisição da escrita? De que forma?

6 – Você planeja suas aulas? Como?

7 – Como você avalia seus alunos? Explique com detalhes.